

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DOS BATISTAS: CONTEÚDO, REFLEXÃO E POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.

João Oliveira Ramos Neto¹

<http://lattes.cnpq.br/6427938680486263>

Resumo: Este artigo é a proposta de um caminho didático para a disciplina de história dos batistas ministrada em cursos de Teologia no Brasil. Seu objetivo é sugerir temas, documentos e bibliografia, propondo uma discussão teórico-metodológica, e não defender teorias. Num primeiro momento, apresentamos os pressupostos teóricos e a importância da utilização de documentos pelo professor em sala de aula. Depois, trabalhamos a origem da igreja e um panorama da denominação a nível mundial, dividida didaticamente por séculos. Por fim, abordamos a inserção, consolidação e desenvolvimento dos batistas brasileiros, concluindo com temas, documentos e bibliografia para debates sobre a identidade atual e perspectivas futuras.

Palavras-chaves: Teoria da História; Teologia; Metodologia; História dos batistas.

Abstract: This article is a proposition of a didactic way for the discipline of history of baptists in Theology courses in Brazil. Your object is to suggest topics, documents and bibliography, proposing a theoretical and methodological discussion, and not to defend theories. At first part, we present the presupposition theoretical and the importance of use of documents by the teacher in the classroom. Then, we suggest the origin of the church and a panorama of the world church, didactically divided for centuries. Finally, we discussed the integration, consolidation and development of brazilian baptists, concluding with topics, documents and references to current debates about identity and future prospects.

Key-words: Teory of History; Theology; Methodology; History of baptists.

¹ João Oliveira Ramos Neto é bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás, bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. É pesquisador convidado do NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e do *Sapientia*, grupo de estudos medievais, da Universidade Federal de Goiás. Atua como redator da revista *Realização*, da Juerp, e colaborador da revista *Diálogo e Ação*, bem como colunista das revistas *Visão Missionária*, *Você Adolescente* e *O Embaixador*. Ministro protestante, pastoreou a Igreja Batista no Rio Formoso, em Goiânia, e lecionou Novo Testamento no Seminário Teológico Batista Goiano. É co-autor do livro *Práticas Religiosas no Mediterrâneo Antigo*, além de artigos publicados pelas revistas eletrônicas *Theós*, *Pós-Escrito* e *Tempo de Conquista*.

Introdução

De onde vieram os batistas? Quando começaram? Há alguma ligação com os anabatistas? Perguntas assim são comuns entre alunos que se matriculam em uma disciplina de história dos batistas. Além da curiosidade acadêmica, também é um tema recorrente entre os membros das igrejas. E como respondê-las é a angústia de muitos professores. Há, no Brasil, uma grande lacuna na produção historiográfica denominacional. Tentando contornar tal carência e ajudar professores que se vêm necessitados de planejar aulas sobre uma disciplina de pouca bibliografia disponível, este ensaio tem como proposta propor, introdutoriamente, sem a pretensão de esgotar o assunto, um caminho didático para uma disciplina de história dos batistas.

Este não é um ensaio sobre a história dos batistas em si, como conteúdo, mas um ensaio sobre teoria e metodologia da história dos batistas como disciplina. Em outras palavras, não é nosso objetivo apresentar fatos, nomes, eventos ou datas, nem defender pontos de vista sobre teorias, mas propor para professores da disciplina um caminho a ser percorrido.

Pressupostos teórico-metodológicos da disciplina

Quer assumamos ou não, ainda somos, no meio acadêmico teológico, consumidores e reprodutores da historiografia positivista. Denomina-se historiografia positivista aquela produção predominante no século XIX em que as obras de História preocupavam-se exclusivamente em descrever fatos e lideranças políticas, sem problematizar suas implicações sociais. O efeito dessa produção é a atual maneira como a disciplina de História é encarada em muitos meios acadêmicos, inclusive nas faculdades de Teologia. Ela é vista como uma disciplina sem atrativo e desnecessária. Reside aí, talvez, a primeira, urgente e principal tarefa do professor de história dos batistas: Desconstruir a imagem negativa da disciplina que se formou entre os alunos. Para isso, é necessário que o professor da história de sua denominação tenha um amplo domínio da teoria da História e sua metodologia.

Desde que ocorreu a Revolução Industrial, e com o aumento da industrialização, as disciplinas de ciências humanas têm sido relegadas a segundo plano. Numa hierarquia dos saberes, o espírito pragmático tem colocado as disciplinas de exatas como de importância superior, sendo que as disciplinas de humanas são lembradas quando utilizadas por interesses ideológicos, como foi o caso dos nacionalismos, que usaram a História para fins políticos. Infelizmente o mesmo problema

ocorre na Teologia também. Como resultado do espírito pragmático, a maioria dos alunos, futuros teólogos, buscam exclusivamente aquelas ferramentas que prometem sucesso ministerial, esquecendo-se do exercício do pensar e da reflexão, atividades que deveriam tornar o homem diferente dos animais ditos irracionais. Daí, na Teologia, como na política, o estudo de história dos batistas estar voltado para a afirmação da superioridade da sua denominação diante das outras, como o nacionalismo usava a História com fins semelhantes para cada qual demonstrar a superioridade da sua nação.

O professor de história dos batistas precisa estar consciente da importância da disciplina como ferramenta intelectual que desenvolva no aluno o pensamento crítico capaz de compreender com clareza o mundo que o cerca. Para isso, indicamos a leitura da obra *A invenção das tradições*, do historiador inglês marxista Eric Hobsbawm. É claro que um dos objetivos do estudo da História é a formação da identidade de um povo, mas a formação ética abrange reflexões que se baseiam no respeito pelas diferenças, inclusive religiosas. Em outras palavras, a disciplina de história dos batistas não pode, e não deve ser confundida com a disciplina de apologética. A História não é ferramenta para qualificar denominações e sim para autocrítica, como quer o último princípio batista.

A história dos batistas, acreditamos, precisa ser trabalhada como disciplina histórica, com todo seu rigor metodológico, e não como memória. A memória não tem preocupação com rigor metodológico. É uma relação que uma comunidade estabelece com seu passado, onde a emoção torna-se critério de seleção, fazendo omissões e variações convenientes aos interesses do pesquisador que se confunde com o objeto, pois, neste caso, o historiador dos batistas quase sempre também é um batista. Não queremos defender, aqui, a ilusão da neutralidade, mas o distanciamento que o método propõe, através do confronto com outros textos e documentos, além de permitir o questionamento e a indagação de arguidores que poderão ver aquilo que até então estava invisível aos olhos do pesquisador.

É a professora Circe Maria Fernandes Bittencourt quem explica que o conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço, acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência, mas, antes, “é preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziram para buscar uma explicação” (Bittencourt, 2009, p. 183). E para explicar e interpretar os fatos é preciso uma análise, que “deve obedecer a determinados princípios” (Bittencourt, 2009, p. 183). Nesse procedimento, “são utilizados conceitos e noções que organizam os fatos, tornando-os inteligíveis” (Bittencourt, 2009, p. 183).

Por isso, diferentemente da memória, o conhecimento histórico necessariamente deve passar pela mediação dos conceitos. É inviável estudar e aprender História, inclusive a história dos batistas, sem o domínio conceitual. Por isso, também, entendemos como pressuposto teórico que a história dos batistas deve ser investigada através da abordagem da História Cultural. Para uma melhor compreensão dessa abordagem, sugerimos a obra *O que é história cultural*, do historiador Peter Burke, onde o professor encontrará os conceitos, categorias e noções de análise necessários para seu estudo.

Se, por um lado, a História Política narrativa, herdeira do positivismo, reduziu-se a apresentar fatos e dados, por outro lado, a História Social marxista propôs-se a problematizar os fatos reduzindo a História às explicações econômicas. Por tratar-se da história de uma denominação religiosa, a história dos batistas não pode ser restrita a uma explicação histórica social, mesmo a história social da cultura, mas sim, uma história cultural da denominação. Isto é, o objeto de estudo da história dos batistas deve ser a suas concepções de fé ao longo do tempo.

Isso não significa que as teologias devem ser estudadas fora do seu contexto social. Muito pelo contrário. Cabe ao professor demonstrar as questões sociais no contexto de cada fato e doutrina analisados, mas eles devem ser estudados como contextos e não como geradores da fé. Por isso, há neste ensaio a preocupação de apresentar obras capazes de elucidar o contexto e lançar luz à análise histórica específica dos batistas. Isto é, ao contrário do pressuposto marxista de que a concepção religiosa é um reflexo da infraestrutura econômica, partimos do pressuposto weberiano, muito bem trabalhado por Pierre Bourdieu, de que a cultura, ou seja, as concepções religiosas de um povo, podem transformar as questões sociais que os envolvem.

Em segundo lugar, como pressuposto metodológico, lembramos que a disciplina em questão precisa colocar os alunos em contato com os documentos, também denominados de fontes primárias. O saber histórico é contruído por um tripé que envolve a teoria, a documentação por meio da seleção das fontes primárias a serem examinadas, e a historiografia. No parágrafo anterior apresentamos nosso pressuposto teórico. Nos próximos parágrafos, apresentaremos uma sugestão de documentos e obras historiográficas que, acreditamos, poderão nortear o trabalho do historiador batista.

Acreditamos também na fundamental importância de que os documentos sejam submetidos a um criterioso exame crítico. Isto é, ao contrário da antiga história metódica, os documentos não estão ali para serem apresentados como prova do que se afirma, mas estão disponíveis para serem interrogados pelo olhar crítico do historiador, mas sem cair no outro extremo, o relativismo pós-

moderno. O professor de história de qualquer religião deve saber trabalhar com a documentação promovendo uma análise metodológica criteriosa em busca da verdade. Para isso, sugerimos as obras do historiador italiano Carlo Ginzburg, como *A micro-história e outros ensaios* ou *Relações de Força* para um melhor aprofundamento da compreensão do historiador no seu trabalho com as fontes.

Mas, então, como fazer essa análise documental? O documento é a fonte para o trabalho do historiador. É aquilo que foi produzido dentro do recorte com o qual se pretende trabalhar. Segundo Pinsky, “Destruídos todos os documentos sobre um determinado período, nada poderia ser dito por um historiador” (Pinsky, 2009, p. 9). Mas, o que é um documento? Para os positivistas do século XIX, como dissemos, era algo que fora escrito por alguma pessoa importante, cujo conteúdo relatado serviria de prova para a tese do pesquisador. No século XX, a escola dos Annales ampliou a noção, tirando a restrição da aplicação do conceito de documento ao texto escrito, passando a considerar um documento, como queria Marc Bloc, “tudo que contivesse a possibilidade de vislumbrar a ação humana” (Pinsky, 2009, p. 15).

A primeira preocupação da metodologia histórica diante do conteúdo de um documento é a desconfiança, conforme Cardoso e Vainfas, que afirmam que o documento “não pode ser visto como algo transparente” (Cardoso e Vainfas, 1997, p. 377). A segunda é relacionar o documento ao contexto: “o historiador deve sempre (...) relacioná-lo ao social” (Cardoso e Vainfas, 1997, p. 378). Isto porque, para os historiadores positivistas, importava narrar os acontecimentos, celebrar o fato, utilizando-se dos documentos como prova de sua hipótese. Mas, depois dos Annales, passou-se a preocupar com uma história problematizadora do social. O documento já não é visto mais como prova. O historiador deve indagá-lo, fazendo-lhe perguntas. Quais perguntas? Num primeiro momento, as perguntas externas: Quem escreveu? Quando? Onde? Como? Para quem? Onde está o receptor? Existe algum conflito entre o autor e o receptor? Qual o contexto político, econômico e geográfico? Num segundo momento, as perguntas internas: Por que o autor está afirmando isso? Por que não está afirmando outra coisa? Qual o seu objetivo implícito em fazer tal afirmação? Quais as principais ideias defendidas e conceitos utilizados? E as demais perguntas estarão, necessariamente, ligadas à linha de pesquisa do historiador. À partir de uma teoria, ele deverá elaborar perguntas para o seu documento responder. Como dissemos, acreditamos que a História Cultural, por não reduzir os dogmas a simples reflexos das condições econômicas, é o melhor caminho para a história dos batistas.

Século XVI: A origem dos batistas

Nossa sugestão é que, após definidos e expostos os pressupostos metodológicos, a disciplina de história dos batistas inicie com a questão da origem da denominação. Vieram os batistas dos anabatistas? Ou seria dos separatistas ingleses? Ou, ainda, de João Batista? Necessário será explicar que as três propostas fazem referência a um imaginário predominante nas igrejas que não encontra espaço acadêmico quando submetido às categorias de análise racional. As supostas três teorias foram divulgadas pelo livro *O rasto de sangue* e, para que uma faculdade de Teologia como um todo seja reconhecida e respeitada como prática acadêmica, teorias fantasiosas presentes na disciplina de história dos batistas, teorias estas que não subsistem a um criterioso exame racional, precisam ser urgentemente desconstruídas. Qualquer explicação simplista comete injustiças irreparáveis diante da complexidade que é o surgimento de um movimento da amplitude dos batistas. Como, então, resolver a questão?

Primeiramente, compreendendo que não surgiram os batistas de forma artificial, mas que são herdeiros da longuíssima tradição milenar da igreja medieval. cremos que é impossível uma compreensão satisfatória da história dos batistas sem um prévio conhecimento da igreja na idade média. Para isso, sugerimos o capítulo *A Igreja antes da Reforma*, disponível na obra *Uma introdução à história menonita*, produzida por Cornelius Dyck.

Ao vislumbrarmos a história da igreja medieval, poderemos compreender melhor que os batistas surgiram como herdeiros diretos dos movimentos de reformas do século XVI, principalmente os movimentos luterano, anglicano e anabatista. A questão é que, do ponto de vista histórico e racional, não se pode reduzir a origem dos batistas a nenhum deles. Por isso, sugerimos a leitura dos capítulos 3, 8 e 13 da obra *As Reformas na Europa*, do historiador alemão Carter Lindberg, acompanhadas de um exercício de comparação entre as reformas luterana, anglicana e anabatista, indentificando, de cada uma delas, quais as concepções comuns e incomuns com os batistas. John Smyth (1570-1612) foi um anglicano insatisfeito que, ao fugir para a Holanda, fez contato com a teologia anabatista. Por isso, acreditamos que a primeira igreja batista do mundo, fundada em 1609, em Amsterdã, foi o resultado das trocas teológicas das reformas do século XVI, com ênfase nas teologias luterana, anglicana e anabatista.

Juntamente com os textos, os alunos deverão ter um primeiro contato com a documentação. Quando tratamos das reformas, os documentos são abundantes em língua portuguesa. Para a história dos batistas, a primeira sugestão que fazemos é uma leitura e análise dos *39 Artigos de Religião*,

dos primeiros anglicanos. Também indicamos o filme *A Outra*, que além de abordar a reforma anglicana, também explica o surgimento do absolutismo, movimento político no contexto do próximo tópico, onde ocorrerá a revolução puritana.

Século XVII: Os batistas e o movimento puritano

Debatida e trabalhada a questão da origem, bem como os pressupostos teórico-metodológicos, a terceira etapa da história dos batistas será trabalhar a denominação no contexto da revolução puritana na Inglaterra do século XVII. O movimento puritano teve origem ainda no século XVI no meio de adeptos das doutrinas das reformas protestantes que ficaram insatisfeitos com as reformas anglicanas. O nome, puritano, quando atualmente é usado para designar uma pessoa de extremo moralismo sexual, não deve ser confundido com os calvinistas que assim foram denominados porque queriam uma suposta purificação da Igreja Anglicana, retirando os resíduos do catolicismo medieval que nela permaneceram depois do rompimento com o Vaticano.

A Igreja Anglicana teve sua origem com a reforma de Henrique VIII (1491-1547), mas estabeleceu-se definitivamente com as reformas da rainha Elizabeth (1533-1603), que viu a possibilidade de unificar a Inglaterra promovendo uma religião que adotasse uma teologia reformada e uma liturgia católica, agradando tanto cristãos adeptos das reformas protestantes como seus contrários. Os puritanos receberam este nome justamente por seu descontentamento com essa prática, para eles uma reformação insuficiente. Mas o movimento não se ateve somente às discussões religiosas, como políticas, razão principal da sua não aceitação pela nobreza inglesa e consequente fuga para a nova colônia americana.

Introdutoriamente, portanto, sugerimos o capítulo *A Revolução Puritana* disponível no volume 8 da obra *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo*, de Justo Gonzalez, para que o aluno tenha uma primeira noção do contexto. Apesar de introdutória, a obra de Gonzalez explica tanto os desdobramentos religiosos como políticos. Em seguida, o professor poderá estudar com seus alunos alguns textos da obra *Liberdade e Exclusivismo*, do professor Zaqueu Moreira de Oliveira, para uma abordagem religiosa mais específica sobre os batistas. A obra é de importância inegável justamente por trabalhar documentos do período da revolução puritana. O autor transcreve vários escritos dos principais líderes puritanos batistas do período.

Neste momento, é de fundamental importância também fazer contato com a *Confissão de fé batista de 1689*. Ela foi traduzida e está disponibilizada em um livreto publicado em 1991 pela

editora Fiel. O uso de confissões remete ao século XVI, pelos luteranos, como a Confissão de Augsburgo (1530) em que Melancton sistematizou algumas doutrinas enquanto se defendia dos ataques católicos. Os batistas, por sua vez, registraram a primeira confissão em 1644, elaborada por sete igrejas batistas de Londres. O livro do professor Zaqueu Moreira de Oliveira, anteriormente citado, transcreve parte dessa confissão. Foi, porém, em 1689 que representantes de mais de cem igrejas batistas inglesas se reuniram em Londres para a elaboração de um documento comum.

A confissão batista de 1689 foi, em boa parte, baseada na Confissão de Westminster, de 1648. Cabe, aqui, ao professor, provocar nos alunos uma comparação entre ambas as confissões, salientando que os primeiros batistas eram predominantemente de orientação teológica calvinista. As igrejas batistas calvinistas, grupo amplamente majoritário, de acordo com os demais puritanos, eram denominados de batistas particulares. O grupo minoritário, de orientação arminiana, era denominado de batistas gerais. Como os batistas passaram de majoritariamente calvinistas para majoritariamente arminianos? Adiante, abordaremos a mudança para o predomínio da orientação arminiana, como ainda hoje. Por hora, salientamos ainda a importância do capítulo *A teologia reformada após Calvino*, disponível na obra *Uma História do Pensamento Cristão*, de Justo Gonzalez.

Um dos pressupostos teóricos a ser assumido pelo professor de história dos batistas é a fuga do determinismo e do estruturalismo. Os indivíduos são agentes fazedores da história e não meros resultados ou aqueles que sofrem as consequências passivamente. Por isso, é também, de fundamental importância, que a disciplina trabalhe aqueles líderes que se destacaram e ajudaram a estabelecer a denominação como ela chegou aos nossos dias. Um dos nomes de destaque no século XVII é a figura de John Bunyan (1628-1688). Ele ficou famoso pela sua obra *O Peregrino*. Aqui, sugerimos que o professor poderá ler a obra com os alunos ou, então, assistir ao filme homônimo, que foi dirigido pelo cineasta Danny Carrales e publicado em 2007 nos Estados Unidos. Juntamente com a obra de Bunyan, o estudante de história dos batistas, neste momento, precisa ter contato com o capítulo *Viver em Deus que é invisível*, disponível na obra *O sorriso escondido de Deus*, de autoria do pastor norte-americano John Piper. Apesar de não ser uma obra acadêmica, e sim devocional, insistimos na sua importância porque é, atualmente, o material mais completo disponível em língua portuguesa sobre John Bunyan.

Sem dúvida que o grande legado dos batistas do século XVII, conforme uma análise dos documentos supracitados deixam claro, foi a ênfase na democracia, na liberdade religiosa e na separação entre a Igreja e o Estado. Conforme explica o professor Moreira, John Smyth (1570-

1612) foi o primeiro a escrever um documento defendendo a liberdade de consciência (Moreira, 1997, p. 79). Como afirmamos anteriormente, o filme *A Outra* mostra o despotismo de Henrique VIII como exemplo do absolutismo. Na Inglaterra, os Tudors, e depois os Stuarts, deram continuidade à falta de liberdade religiosa com a política de intolerância com o movimento puritano. Foi como uma reação ao autoritarismo experimentado na Inglaterra que os puritanos batistas, ao chegarem nas treze colônias americanas, disseminaram a liberdade individual, que até hoje é uma ideologia norte-americana muito importante. Sobre os puritanos, para uma história geral religiosa, é fundamental a obra *Os puritanos*, de David Martyn Lloyd-Jones. Para uma análise social, indicamos as obras do marxista Christopher Hill, como a obra *O eleito de Deus*, em que ele aborda a revolução puritana à partir de Oliver Cromwell.

Século XVIII: Os batistas e os grandes avivamentos

A fé protestante entre os povos anglo-saxões foi marcada por dois grandes avivamentos, ou despertamentos, no século XVIII (1730-1755 e 1790-1840) que muito contribuíram para a formação da identidade do povo norte-americano e britânico até os dias atuais. Denominamos de avivamento os períodos de grande efervescência espiritual de maioria da população de um país, cuja anterior indiferença religiosa é substituída por uma grande vontade de pertencer a uma determinada igreja. Nesses períodos, há mudanças sociais concretas, como foi, neste caso, o movimento abolicionista. Uma grande contribuição desses despertamentos para a identidade dos batistas foi a ênfase na experiência subjetiva de conversão. Nossa tendência é pensarmos que a prática adotada pelas igrejas batistas atualmente sempre foi assim, o que é um equívoco muito grande. No período das reformas protestantes, a Igreja era ligada ao Estado. Principalmente porque os movimentos predominantes de conflito com o catolicismo (anglicanos, luteranos e calvinistas) não alteraram o batismo infantil, possibilitando assim que as pessoas aderiam à uma Igreja (Católica, Luterana, Anglicana, etc.) automaticamente por meio da igreja oficial do local onde ela nascia.

Essa situação começou a ser alterada com a ênfase dos puritanos na individual experiência subjetiva de conversão, tendo os supracitados grandes avivamentos protestantes anglo-saxões como auge de tal modalidade. Depois da ação de pregadores como Theodore Frelinghuysen (1691-1747), Gilbert Tennent (1703-1764), Jonathan Edwards (1703-1758), George Whitefield (1714-1770) e Charles Finney (1792-1875), tornava-se membro de uma igreja aquele que podia testemunhar uma mudança de vida objetiva. Foi também por causa dos pregadores dos grandes avivamentos do

século XVIII que os batistas passaram de majoritariamente calvinistas para uma maioria de orientação arminiana. Havia até pregadores universalistas, como John Murray (1741-1815).

Um dos resultados do avivamento entre o povo anglo-saxão foi a consciência da necessidade do trabalho missionário. Entre os batistas, destacou-se a participação de William Carey (1761-1834), um leigo inglês (ele era um sapateiro) que originalmente anglicano, teve contato com os puritanos batistas por meio do professor do ofício de sapateiro. Carey era muito curioso e gostava de estudar grego e latim por conta própria. Como resultado do grande despertamento, ele organizou uma sociedade missionária na Inglaterra, tornando-se seu primeiro missionário. Em 1793 ele viajou para a Índia, onde permaneceu por 41 anos. Walker informa que o interesse pelos povos não cristãos surgiu também como consequência das viagens de descobrimento pelo Pacífico, patrocinadas pelo governo inglês (Walker, 2006, p. 720). Outros missionários foram, posteriormente, enviados para trabalhar na Índia, os quais deixaram, durante a vida e o trabalho de Carey, um legado de mais de 26 igrejas, 126 escolas e 44 traduções diferentes da Bíblia.

Também, como legado do período de avivamento foi a fundação da escola dominical, pelo anglicano Robert Raikes (1736-1811), em 1780. Walker explica que a escola dominical inicialmente surgiu com o objetivo de dar aos analfabetos a possibilidade de estudarem no único dia que eles tinham de folga, que era o domingo (Walker, 2006, p. 720). É preciso recordar que os grandes avivamentos aconteceram no contexto da Revolução Industrial, muito bem apresentada no filme clássico *Tempos modernos*, de Charles Chaplin. Os avivamentos também foram decisivos para a independência das colônias inglesas, em 1776, originando os atuais Estados Unidos. Depois da independência, as igrejas tiveram que se estruturar. Os anglicanos, por exemplo, passaram a ser chamados de episcopais, para salientar a separação com a Inglaterra. Os batistas, porém, não foram afetados, dado o princípio de autonomia da igreja local, já eram independentes da metrópole mesmo antes da independência política da colônia.

Sobre esse período, sugerimos a leitura dos capítulos *O grande despertamento* e *O impacto do reavivamento evangélico*, disponíveis na obra *História da Igreja Cristã*, de autoria de Wiliston Walker. Como documentação a ser analisada, sugerimos a leitura de obras dos pregadores supracitados. Há uma infinidade desses sermões disponíveis em livretos publicados pela editora Fiel e pela editora PES, além de sítios eletrônicos.

Século XIX: Os batistas e a revolução norte-americana

O século XIX testemunhou um grande derramamento de sangue que foi denominado de Guerra de Secessão, ou Guerra Civil Americana, que aconteceu entre 1861 e 1865, quando onze estados latifundiários e escravistas do sul sublevaram-se contra os demais estados do norte, que eram industrializados. Os avivamentos supracitados, responsáveis também pela divulgação de ideias abolicionistas por causa de convicções religiosas, ocorreram entre os estados do norte. O sul, com sua próspera produção de tabaco, permanecia escravista, inclusive entre os batistas daqueles estados.

Salientamos que um dos motivos de seguirmos o trajeto geográfico proposto neste ensaio, mudando o foco da Europa para os Estados Unidos à partir do século XVII, é que os batistas brasileiros foram formados à partir da ação missionária dos batistas norte-americanos, conforme demonstraremos adiante. Em 1845, por causa dos conflitos políticos entre os estados do sul e do norte, os batistas norte-americanos seguiram o rompimento político do país, criando, entre os estados confederados do sul, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Foi justamente essa convenção que, por meio da agência missionária sediada na cidade de Richmond, enviou os primeiros missionários para a América do Sul.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento dos batistas nos Estados Unidos, portanto, é importante que o professor de história dos batistas domine bem a história daquele país. Para isso, sugerimos a obra introdutória, porém satisfatória, *História dos Estados Unidos*, de Leandro Karnal. Os alunos, nessa parte do curso, poderão ler e debater o capítulo *A época da revolução dos Estados Unidos*, disponível na obra supracitada *História da Igreja Cristã*, de Wiliston Walker.

Além da guerra de secessão nos Estados Unidos, o século XIX também presenciou um importante nome que também ajudou na formação dos batistas e que precisa ser abordado em um curso como esse. Trata-se do pregador Charles Spurgeon. Spurgeon nasceu em 1834, na Inglaterra. Aos dezesseis anos de idade pregou seu primeiro sermão. Em 1854, então com vinte anos, foi chamado para ser pastor na capela de New Park Street, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano, ponto de visitação de batistas até hoje. Sobre Spurgeon, recomendamos a sua autobiografia, ainda não disponível em língua portuguesa, citada nas referências ao final deste. Para análise documental, o professor poderá distribuir vários sermões de Spurgeon,

disponíveis em língua portuguesa em livretos publicados pela editora PES e também em vários sítios eletrônicos.

Século XX: A contribuição de Martin Luther King e Billy Graham

No século XX, a história dos batistas deverá, obrigatoriamente, passar pela figura de Martin Luther King Júnior. Ele nasceu em Atlanta em 1929 e, na sua atuação como pastor batista, tornou-se um dos maiores líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Ele foi assassinado em 1968, enquanto estava em um hotel, na cidade de Memphis. Para esta parte, sugerimos a revista *Veja*, edição histórica de abril de 1968, disponível na internet, que além de abordar a história do movimento, os principais fatos, entre outros, oferece os principais sermões proferidos pelo pastor ativista, inclusive o principal deles, *Eu tenho um sonho*.

Outro nome de destaque entre os batistas do século XX é também o do pastor norte-americano, William Franklin Graham Júnior, ou Billy Graham. Ele nasceu na cidade de Charlotte em 7 de novembro de 1918. Ele ficou famoso com suas cruzadas ao redor do mundo, em que milhares de pessoas se converteram, inclusive em países inimigos dos Estados Unidos, como o leste europeu durante a Guerra Fria, a África do Sul durante o *apartheid* e até mesmo na Coreia do Norte. Estima-se que mais de 200 milhões de pessoas ouviram suas pregações em mais de 180 países. Ele também pregava contra a segregação racial e por várias vezes pagou a fiança que tirava Martin Luther King da cadeia. Também ficou conhecido por tornar-se conselheiro de vários presidentes norte-americanos, como Richard Nixon e Bill Clinton.

Os batistas no Brasil

Depois de estudar a história dos batistas pelo mundo, é importante que a disciplina aborde o desenvolvimento da denominação em solo brasileiro. Nossa sugestão é que, como introdução à esta segunda parte do curso, o professor passe para os alunos o filme nacional *Mauá, o imperador e o Rei*. A importância desse filme está no fato dele apresentar o contexto brasileiro quando da chegada dos primeiros missionários protestantes norte-americanos. Trata-se de um período propício uma vez que, como o filme demonstra, havia no Brasil uma grande admiração pela cultura anglo-saxã, principalmente entre as elites, resultado do positivismo e do liberalismo econômico.

Em seguida, os alunos poderão ler e debater capítulos da obra *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, de Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho, bem como, capítulos da obra *O protestantismo no Brasil*, de Émile Léonard. São obras que além de apresentar o trabalho missionário, também analisam o contexto. Não são específicos quanto aos batistas, mas também abordam estes. O professor deverá estar preparado para a polêmica que surgirá quanto à contribuição decisiva da maçonaria nesse período. Após essa leitura contextual, é interessante que os alunos leiam duas obras clássicas específicas sobre os batistas. A primeira é a obra *Centelha em restolho seco*, de Betty Antunes de Oliveira, e a segunda é a obra *História dos Batistas no Brasil*, de José Reis Pereira.

Partimos de uma análise contextual, para depois, uma análise factual dos batistas especificamente. Compreendidos os eventos da história dos batistas dentro do contexto da história do Brasil, é importante a leitura da obra *A celebração do indivíduo*, de Israel Belo de Azevedo, que trata da formação do pensamento batista brasileiro. Após todas as leituras feitas no curso, os alunos estarão aptos a lerem obras de narrativas factuais, sem problematizações sociais, com olhar crítico. Muitos historiadores desprezam obras de narrativas factuais por não trazerem reflexões, mas entendemos que tal não pode acontecer pelo professor se considerarmos que a reflexão deve ser uma atitude posterior e complementar ao conhecimento dos fatos, que não pode, de maneira alguma, ser desprezado.

Equivoca-se professores que partem do pressuposto que tais fatos são de conhecimento de todos. Como quer o construtivismo, de fato, o aluno, que também é sujeito no processo de aprendizagem, carrega um conhecimento prévio, que ele adquiriu pela história de vida, neste caso, imerso por vários anos em uma igreja, e pelos meios de comunicação. Porém, é preciso ressaltar que tal conhecimento prévio, no campo teológico e, principalmente, na história dos batistas, muitas vezes atrapalha, pois trás o aluno carregado de preconceitos, além de informações deficientes e insuficientes. Não cabe neste abordar tal assunto com profundidade, o que poderemos fazer em trabalho posterior por meio de pesquisas em salas de aula. Por hora, queremos ressaltar a responsabilidade do professor de certificar-se que os alunos detêm um conhecimento factual correto para então reflexioná-lo, problematizá-lo e refleti-lo de forma crítica. Depois de um prévio conhecimento dos fatos é que o aluno estará preparado para imergir na história do pensamento dos batistas, como é apresentado na última obra que acima citamos.

Depois de estudar a inserção dos primeiros batistas no Brasil, o estudante da história dessa denominação precisará debruçar-se sobre um fato extremamente relevante que foi a imigração dos

batistas letos no início do século XX. Esse fato é muito bem explorado no livro de Osvaldo Ronis, *Uma epopeia de fé: A história dos batistas letos no Brasil*. A imigração teve início já no século XIX, com a organização da Primeira Igreja Batista em Rio Novo, em 1892. O maior grupo, porém, veio em 1922, refugiado do comunismo com a implantação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no leste Europeu, organizando a comunidade de Varpa e a fazenda Palma, no estado de São Paulo, nesse mesmo ano.

Da mesma forma, é imprescindível uma análise dos batistas naquele que foi um dos acontecimentos mais relevantes na história do Brasil, a saber, o golpe militar de 1964. Um material bastante elucidativo para tal análise é a dissertação de mestrado de Jéferson Farias da Silva, *Uma Leitura Política de “O Jornal Batista” e da ação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s) durante o período de transição brasileiro, 1972-1974: Entre o Milagre e a Crise*. Seguindo a proposta do autor, o professor poderá trabalhar a questão de forma comparativa. Como se deu o posicionamento dos batistas comparados com outros segmentos religiosos do mesmo período?

Os batistas não são um grupo politicamente uniforme. Mesmo no contexto brasileiro, eles estão divididos entre diversas instituições diferentes. Entendemos que uma parte do curso de história dos batistas deve ser especialmente separada para que os alunos possam conhecer os diversos grupos, compará-los e compreendê-los.

Os primeiros batistas se estabeleceram no Brasil em 1871. Depois de chegarem, refugiados da derrota na guerra de secessão, organizaram nesse ano uma igreja na cidade paulista de Santa Bárbara d’Oeste. Com a chegada de missionários enviados pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, motivados pela doutrina do destino manifesto, muito bem trabalhado por Mendonça (2002), o movimento batista brasileiro cresceu. Em 1882, com apoio da igreja do interior de São Paulo, os missionários organizaram uma igreja em Salvador. Vinte e cinco anos depois, em 1907, também em Salvador, com representantes de 39 igrejas, os batistas organizaram a Convenção Batista Brasileira. Um dos principais nomes que trabalharam para a primeira reunião de igrejas batistas brasileiras que resultaria na sua convenção foi o de Salomão Luiz Ginzburg (1867-1927). Em 1891 ele criou o Cantor Cristão, uma coletânea de hinos que até hoje é o principal hinário dos batistas no Brasil.

Em 1965, porém, 32 igrejas batistas brasileiras, após terem contato com a doutrina pentecostal, romperam com a Convenção Batista Brasileira e organizaram a Ação Missionária Evangélica. No ano seguinte, outras 20 igrejas batistas brasileiras também romperam com a

convenção e aderiram ao movimento pentecostal, aumentando o grupo, agora com 52 igrejas, que em 1967 organizaram a Convenção Batista Nacional.

Além das duas convenções, os batistas no Brasil também estão organizados como Comunhão Batista Bíblica Nacional, Igreja Batista Regular e Convenção das Igrejas Batista Independentes, só para citar as principais. Estimamos que atualmente há mais de dez instituições denominacionais que agregam igrejas batistas no Brasil. A história de cada uma delas pode e deve ser explorada por meio dos seus sítios eletrônicos oficiais disponíveis na internet.

Daqui pra frente

Para encerrar o estudo, a sugestão é promover debates sobre as perspectivas futuras para a denominação batista, principalmente no Brasil. Ajudarão algumas obras existentes, como a revista *Oásis no Deserto*, escrita pelo pastor Darci Dusilek, onde ele, após fazer algumas análises sobre os batistas brasileiros, propõe algumas perspectivas, e a obra *Pacto e Comunhão*, organizada em 2004 pela Convenção Batista Brasileira.

Por fim, será profícuo um debate sobre a identidade dos batistas. Para isso, sugerimos as obras *Princípios batistas e doutrinas batistas*, de Roberto do Amaral Silva, e a obra *Batistas, sua identidade*, de Almir dos Santos Gonçalves Júnior, as quais serão melhor aproveitadas se lidas junto com uma revisão de tudo que se discutiu ao longo da disciplina em questão.

Como dissemos no início, o objetivo deste breve ensaio não foi, de forma alguma, esgotar o assunto. Esperamos, porém, ter contribuído para a formação da identidade do nosso povo por meio da sugestão de caminhos para uma disciplina tão importante, mas, muitas vezes, pouco explorada em nosso contexto. Esperamos também que as falhas aqui cometidas sejam sanadas por pesquisas futuras e novas publicações que venham preencher e enriquecer a produção brasileira, cooperando para a difusão da história dos batistas não somente entre os acadêmicos de Teologia, como entre os leigos em geral.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo*. A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Unimep: 1996.

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História*. Fundamentos e métodos. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- CARROLL, James Milton. *O rasto de sangue*. Publicação do autor. 1931.
- DUSILEK, Darcí. *Oásis no deserto*. A denominação batista em revisão. Análise e propostas. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004.
- DYCK, Cornelius J. *Uma introdução à História Menonita*. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel, 1991.
- GONÇALVES JR. Almir dos Santos. (org.). *Batistas, sua identidade*. Rio de Janeiro: Juerp, 2009.
- GONZALEZ, Justo L. *E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo*. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- _____. *Uma História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a revolução inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEÓNARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Juerp, 1981.
- LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LLOYD-JONES, David Martyn. *Os puritanos*. Suas origens e seus sucessores. São Paulo: Publicações evangélicas selecionadas, 1993.
- MENDONÇA, Antônio Gouvea. VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e Exclusivismo*. Ensaios sobre os batistas ingleses. Rio de Janeiro: Horizontal, 1997.

PEREIRA, José Reis. *História dos Batistas no Brasil: 1882-2001*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PIPER, John. *O sorriso escondido de Deus*. O fruto da aflição na vida de John Bunyan, William Cowper e David Brainerd. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

RONIS, Osvaldo. *Uma epopéia de fé: A história dos batistas letos no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

SILVA, Jéferson Farias da. *Uma Leitura Política de “O Jornal Batista” e da ação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s) durante o período de transição brasileiro, 1972-1974: Entre o Milagre e a Crise*. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, IFCS - Programa de Pós-Graduação em História Comparada - PPGHC, 2007.

SILVA, Roberto do Amaral. *Princípios e doutrinas batistas*. Os marcos de nossa fé. Rio de Janeiro: Juerp, 2007.

SOUZA, Sócrates Oliveira de. *Pacto e Comunhão*. Rio de Janeiro: Juerp, 2004.

SPURGEON, Charles H. *Autobiography*. Memphis: General Books, 2012.

WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006.